

Os EUA-NATO tentaram golpe de Estado na Líbia?

Insurreição e intervenção militar na Líbia

By [Prof Michel Chossudovsky](#)

Global Research, March 09, 2011

9 March 2011

Os EUA e a NATO estão a apoiar uma insurreição armada na Líbia Oriental, tendo em vista justificar uma “intervenção humanitária”.

Isto não é um movimento de protesto não violento como no Egipto e na Tunísia. As condições na Líbia são fundamentalmente diferentes. A insurreição armada na Líbia Oriental é apoiada directamente por potências estrangeiras. A insurreição em Benghazi imediatamente arvorou a bandeira vermelha, negra e verde com o crescente e a estrela: a bandeira da monarquia do rei Idris, a qual simbolizava o domínio das antigas potências coloniais. (Ver Manlio Dinucci, [Libya-When historical memory is erased](#) , Global Research, Febrary 28, 2011)

Conselheiros militares e forças especiais dos EUA e NATO já estão no terreno. A operação foi planeada para coincidir com o movimento de protesto em países árabes vizinhos. A opinião pública foi levada a acreditar que o movimento de protesto havia-se espalhado espontaneamente da Tunísia e do Egipto para a Líbia.



A administração Obama em consulta com os seus aliados está a ajudar uma rebelião armada, nomeadamente uma tentativa de golpe de Estado.

“A administração Obama está pronta a oferecer **“qualquer tipo de**

assistência” a líbios que procurem derrubar Moammar Kadafi, secretária de Estado Hillary Clinton [27 Fevereiro]. “Temos estado a estender a mão a muito diferentes líbios que estão a tentar organizar-se no Leste e para que a revolução mova-se também em direcção Oeste”, disse Clinton. “Penso que é demasiado cedo para dizer como isto vai terminar, mas **temos de estar prontos e preparados para oferecer qualquer espécie de assistência** que alguém pretenda ter dos Estados Unidos”. Há esforços encaminhados para formar um governo provisório na parte Leste do país onde a rebelião começou em meados do mês.

Os EUA, disse Clinton, estão a **ameaçar mais medidas** contra o governo de Kadafi, mas não disse o que eram ou quando poderiam ser anunciadas.

Os EUA deveriam “reconhecer algum governo provisório que eles estejam a tentar por de pé...” [McCain}

Lieberman falou em termos semelhantes, urgindo “apoio tangível, uma zona de interdição de voo, **reconhecimento do governo revolucionário**, o governo de cidadãos e apoiá-los com assistência humanitária e **eu lhes forneceria armas**”.

([Clinton: US ready to aid to Libyan opposition - Associated, Press](#) , February 27, 2011, sublinhados do autor)

A INVASÃO PLANEADA

Uma intervenção militar é agora contemplada pelas forças dos EUA e NATO sob um “mandato humanitário”.

“Os Estados Unidos estão a mover forças navais e aéreas na região” para **“preparar o conjunto completo de opções”** na confrontação com a Líbia: o porta-voz do Pentágono, Cor. Dave Lapan, dos Fuzileiros Navais, fez este anúncio [1 Março]. Ele disse que “foi o presidente Obama que pediu aos militares para prepararem-se para estas opções”, porque a situação na Líbia está a ficar pior”. (Manlio Dinucci, [Preparing for “Operation Libya”: The Pentagon is “Repositioning” its Naval and Air Forces...](#) , Global Research, March 3, 2011, sublinhado do autor)

O objectivo real da “Operação Líbia” não é estabelecer democracia mas sim tomar posse das reservas de petróleo líbias, desestabilizar a National Oil Corporation (NOC) e finalmente privatizar a indústria petrolífera do país, nomeadamente transferir o controle e a propriedade da riqueza petrolífera da Líbia para mãos estrangeiras. A National Oil Corporation (NOC) está classificada entre as 100 principais companhias de petróleo ([A Energy Intelligence classifica a NOC no 25º lugar entre as 100 principais companhias do mundo. -Libyaonline.com](#))

A Líbia está entre as maiores economias petrolíferas do mundo com aproximadamente 3,5% das reservas de petróleo globais, mais do que o dobro daquelas dos EUA. (para mais pormenores ver a Parte II deste artigo, “Operação Líbia” e a batalha pelo petróleo)

A planeada invasão da Líbia, que já está em curso, faz parte do conjunto mais vasto da “Batalha pelo petróleo”. Cerca de 80 por cento das reservas petrolíferas da Líbia estão localizadas na bacia do Golfo de Sirte da Líbia Oriental. (Ver mapa abaixo)

As concepções estratégicas por trás da “Operação Líbia” recordam empreendimentos

militares anteriores dos EUA-NATO na Jugoslávia e no Iraque.

Na Jugoslávia, forças dos EUA-NATO desencadearam uma guerra civil. O objectivo era criar divisões políticas e étnicas, as quais finalmente levaram à fragmentação de todo um país. Este objectivo foi alcançado através do financiamento encoberto e do treino de forças paramilitares armadas, primeiro na Bósnia (Bosnian Muslim Army, 1991-95) e a seguir no Kosovo (Kosovo Liberation Army (KLA), 1998-1999). Tanto no Kosovo como na Bósnia, a desinformação dos media (incluindo mentiras rematadas e falsificações) foram utilizadas para apoiar afirmações dos EUA-UE de que o governo de Belgrado havia cometido atrocidades, justificando dessa forma uma intervenção militar com razões humanitárias.

Ironicamente, a “Operação Jugoslávia” agora está nos lábios dos feitos da política externa estado-unidense: o senador Lieberman **“comparou a situação na Líbia aos acontecimentos nos Balcãs na década de 1990 quando, disse ele, os EUA “intervieram para travar um genocídio contra os bósnios. E a primeira coisa que fizemos foi proporcionar-lhes as armas para defenderem-se. Isso é o que penso que podemos fazer na Líbia”.** ([Clinton: US ready to aid to Libyan opposition - Associated](#) , Press, February 27, 2011, emphasis added

O cenário estratégico seria pressionar rumo à formação e reconhecimento de um governo interino da província secessionista, tendo em vista finalmente fragmentar o país.

Esta opção já está a caminho. A invasão da Líbia já começou.

“Centenas de conselheiros militares estado-unidenses, britânicos e franceses chegaram à Cirenáica, a província separatista do Leste,... **Os conselheiros, incluindo oficiais de inteligência, foram lançados de navios de guerra e navios de mísseis** nas cidades costeiras de Benghazi e Tobruk” ([DEBKAFfile, US military advisers in Cyrenaica](#) , February 25, 2011)

Forças especiais dos EUA e aliados estão no terreno na Líbia Oriental, proporcionando apoio encoberto aos rebeldes. Isto foi reconhecido quando comandos britânicos das Forças Especiais SAS foram presos na região de Benghazi. Estavam a actuar como conselheiros militares para forças de oposição:

“Oito comandos de forças especiais britânicas, numa missão secreta para colocar diplomatas britânicas em contacto com oponentes destacados do Cro. Muammar Kadafi na Líbia, acabaram humilhados depois de terem apoiado forças rebeldes na Líbia Oriental”, informa o Sunday Times de hoje. Os homens, armados mas à paisana, afirmaram que foram verificar **as necessidades da oposição e oferecer ajuda** “. ([Top UK commandos captured by rebel forces in Libya: Report, Indian Express](#) , March 6, 2011, sublinhado do autor)

As forças SAS foram presas quando escoltavam uma “missão diplomática” britânica a qual entrou ilegalmente no país (sem dúvida de um navio de guerra britânico) para discussões com líderes da rebelião. O Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico reconheceu que “uma pequena equipe diplomática britânica foi enviada à Líbia Oriental para iniciar contactos com a oposição rebelde”. [U.K. diplomatic team leaves Libya - World - CBC News](#) , March 6, 2011).

Ironicamente, as reportagens não só confirmam a intervenção militar ocidental (incluindo várias centenas de forças especiais), como também reconhecem que a rebelião se opunha firmemente à presença ilegal de tropas estrangeiras sobre o solo líbio:

“A intervenção da SAS enraiveceu figuras líbias da oposição as quais ordenam que os soldados fossem trancados numa base militar. Oponentes de Kadafi temem que ele possa utilizar qualquer evidência de interferência militar ocidental para congregr apoio patriótico para o seu regime”. ([Reuters](#) , March 6, 2011)

O “diplomata” britânico capturado com soldados das forças especiais era membro da inteligência britânica, um agente do MI6 numa “missão secreta”. ([The Sun](#) , March 7, 2011)

Declarações dos EUA e NATO confirmam que estão a ser fornecidas armas às forças de oposição. Há indicações, embora não prova clara até agora, de que foram entregues armas aos insurgentes antes do desencadeamento da rebelião. Com toda probabilidade, conselheiros militares e de inteligência dos EUA e NATO também estavam no terreno antes da insurreição. Este foi o padrão aplicado no Kosovo: forças especiais apoiando e treinando o Kosovo Liberation Army (KLA) nos meses que antecederam a campanha de bombardeamento de 1999 e a invasão da Jugoslávia.

Tal como os acontecimentos se desdobram, contudo, forças do governo líbio recuperaram controle sobre posições rebeldes:

“A grande ofensiva das forças pró-Kadafi lançadas [4 Março] para arrebatam das mãos dos rebeldes o controle das cidades e centros petrolíferos mais importantes da Líbia resultou [5 Março] na recaptura da cidade chave de Zawiya e da maior parte das cidades petrolíferas em torno do Golfo de Sirte. Em Washington e Londres, a conversa da intervenção militar ao lado da oposição líbia foi emudecida pela percepção de que **a inteligência de campo de ambos os lados do conflito líbio era demasiado incompleta para servir de base à tomada de decisões** “. (Debkafile, [Qaddafi pushes rebels back. Obama names Libya intel panel](#) , March 5, 2011, sublinhado do autor)

O movimento da oposição está fortemente dividido quanto à questão da intervenção estrangeira.

A divisão é entre o movimento das bases por um lado e os “líderes” apoiados pelos EUA da insurreição armada que são a favor da intervenção militar estrangeira por “razões humanitárias”.

A maioria da população líbia, tanto os apoiantes como os oponentes do regime, é fortemente oposta a qualquer forma de intervenção externa.

DESINFORMAÇÃO DOS MEDIA

Os vastos objectivos estratégicos subjacentes à invasão proposta não são mencionados pelos media. A seguir a uma campanha enganosa dos media, em que notícias eram literalmente falsificadas sem relação com o que realmente estava a acontecer no terreno, um amplo sector da opinião pública internacional concedeu o seu firme apoio à intervenção estrangeira, por razões humanitárias.

A invasão está na prancheta do Pentágono. Está destinada a ser executada independentemente dos desejos do povo da Líbia incluindo o dos oponentes do regime, os quais têm exprimido a sua aversão à intervenção militar estrangeira em desrespeito da soberania da nação.

POSICIONAMENTO DA FORÇA NAVAL E AÉREA

Caso esta intervenção militar fosse executada resultaria numa guerra geral, uma blitzkrieg, implicando o bombardeamento tanto de alvos militares como civis.

A este respeito, o general James Mattis, comandante do U.S. Central Command (USCENTCOM), declarou que o estabelecimento de uma “zona de interdição de voo” envolveria de facto uma campanha de bombardeamento geral, que alvejasse entre outras coisas o sistema de defesa aérea da Líbia.

“Seria uma operação militar – não seria suficiente dizer às pessoas para não voarem com aviões. **Teria de ser removida a capacidade de defesa aérea a fim de estabelecer uma zona de interdição de voo, que não haja ilusões quanto a isto** “. ([U.S. general warns no-fly zone could lead to all-out war in Libya](#) , Mail Online, March 5, 2011, sublinhado do autor).



O USS Enterprise atravessa o Canal de Suez, 15/Fevereiro/2011, foto da U.S. Navy



Uma força naval dos EUA e de aliados

foi posicionada ao longo da costa líbia.

O Pentágono está a mover os seus vasos de guerra para o Mediterrâneo. O porta-aviões USS Enterprise transitou através do Canal de Suez poucos dias após a insurreição. (<http://www.enterprise.navy.mil>)

Os navios anfíbios dos EUA, USS Ponce e USS Kearsarge, também foram posicionados no Mediterrâneo.

Foram despachados 400 fuzileiros navais dos EUA para a ilha grega de Creta “antes do seu posicionamento em navios de guerra ao largo da Líbia” ([Operation Libya”: US Marines on Crete for Libyan deployment](#) , Times of Malta, March 3, 2011).

Enquanto isso, a Alemanha, França, Grã-Bretanha, Canadá e Itália estão no processo de posicionar vasos de guerra ao longo da costa líbia.

A Alemanha posicionou três navios de guerra utilizando o pretexto da assistência na evacuação de refugiados sobre a fronteira Líbia-Tunísia. “A França decidiu enviar o Mistral, o seu porta-helicópteros, os quais, segundo o Ministério da Defesa, contribuirão para a evacuação de milhares de egípcios”. ([Towards the Coasts of Libya: US, French and British Warships Enter the Mediterranean](#) , Agenzia Giornalistica Italia, March 3, 2011). O Canadá despachou (2 Março) a fragata HMCS Charlottetown.

Entretanto, a US 17th Air Force, chamada US Air Force Africa, baseada na Ramstein Air Force Base, na Alemanha, está a assistir na evacuação de refugiados. As instalações da força aérea EUA-NATO na Grã-Bretanha, Itália, França e Médio Oriente estão em prontidão.

Parte II: A “Operação Líbia” e a batalha pelo petróleo

O original encontra-se em <http://www.globalresearch.ca/index.php?context=va&aid=23548>

Este artigo foi traduzido em português por Resistir.info (<http://resistir.info/>)

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Prof Michel Chossudovsky](#), Global Research, 2011

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: **[Prof Michel Chossudovsky](#)**

About the author:

Michel Chossudovsky is an award-winning author, Professor of Economics (emeritus) at the University of Ottawa, Founder and Director of the Centre for Research on Globalization (CRG), Montreal, Editor of Global Research. He has undertaken field research in

Latin America, Asia, the Middle East, sub-Saharan Africa and the Pacific and has written extensively on the economies of developing countries with a focus on poverty and social inequality. He has also undertaken research in Health Economics (UN Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC), UNFPA, CIDA, WHO, Government of Venezuela, John Hopkins International Journal of Health Services (1979, 1983) He is the author of 13 books including *The Globalization of Poverty and The New World Order* (2003), *America's "War on Terrorism"* (2005), *The Globalization of War, America's Long War against Humanity* (2015). He is a contributor to the *Encyclopaedia Britannica*. His writings have been published in more than twenty languages. In 2014, he was awarded the Gold Medal for Merit of the Republic of Serbia for his writings on NATO's war of aggression against Yugoslavia. He can be reached at crgeditor@yahoo.com

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca